

# Juiz de Soajo, novo Salomão

a vos, quem sabedoria  
precedeis rrey Salamam

C. G. DE GARCIA DE RESENDE.



POR TEIXEIRA DE QUEIROZ

**T**sto m'o contou um velho, homem de crenças antigas, em noite invernosa, ao lume de lareira farta de lenha, enquanto o pote da ceia fervia:

— Foi em tempos, ha muito passados, dos quaes os homes cá da freguesia não tem lembrança. Pouco e mal se sabia escrever então, e a memoria do caso veio de paes a filhos, sem se saber como, assim á maneira da agua do rio que vem por ahi a baixo, sem saber porque.

Houve em Soajo um home de tanta fama pelo seu juizo, que o nome d'elle chegou a esse Porto e ainda por lá se conserva, pela grande sentença que deu. Era grande cabeça, pelos modos, e todos o respeitavam; porque nunca era por uns, nem pelos outros, mas pela razão. Nos tempos antigos, em que a gente de cá escolhia o seu juiz, que julgava as nossas coisas aqui mesmo, sem termos de ir á villa, ao juiz de fóra, o tio João Cangosta, foi sempre eleito enquanto viveu, para castigar ou perdoar, nas aquellas que tinhamos uns com os outros. Este nosso povo não é bô d'assoar, em lhe dando na tóla, não teem respeito pelos fidalgos da villa, deita por ahi abaixo e escangalha tudo. Se lhes chega a mostarda ao naris, ainda hoje, apesar de tudo mudado, espirram forte e feio. P'ra isso não ha homes, nem mulheres; uma mulher vale um home para esbandalhar. Se houvera um Cangosta agora, não se andava de mal com o padre, que, aqui para nós, não é boa rez.

Ora encontrou-se elle, uma ocasião, n'um grande aperto, a modo atrapalhado com uma sentença, que tinha de dar por força; porque era o juiz. Não havia estas leis d'agora, que veem nos livros, que os senhores leem e a gente não entende. Então era tudo pelos costumes e se appareciam casos d'arrelia eram os velhos, o padre e o juiz, que disiam o que se houvera de fazer. E n'esses casos a obediencia era como em coisa sagrada. O que lhe vou contar é de respeito; não ha memoria d'outro igual em toda a redondeza da terra. Só o Cangosta, home do tamanho de qualquer dos sete sabios, é que tinha miolo para desembaraçar a meada.

Um caçador ás direitas era elle; com o bicho bravo tinha uma birra de morte. Por essas serras acima ninguem deu cabo de mais lobos e de mais pórcos. Disem, mas essa custa-me a engulir, que os mattava á faca. Não me entra na cachimonia; porque o pórco bravo na arremetida é peor que um toiro rabioso.

Pois contavam os antigos, que elle se lhe punha deante no caminho e lhes enterrava a faca na gorja, abrindo-os de meio a meio. Acredita o senhor? No meu toutiço não entra, que não.

Pois andava lá para cima um d'esses taes, que fazia estragos de mil demonios nos milhos e nas batatas. Qual espéras, nem meio espéras, ninguem o encontrava. Chegaram a acreditar que fosse o maldito na figura de pórco. Quizeram armar montarias; mas o Cangosta, que sendo juiz cá dos homes, tambem o queria ser dos bichos, não esteve pelos autos e disse que só elle devia matar o animal. Preparou-se com a sua faca e uma espingarda, que lhe tinha mandado o senhor rei, quando tivera noticia do grande caçador que elle era.

Principiou nas suas espéras sosinho, sem querer home que o acompanhasse. Era d'uma cana!

N'esses sitios para onde elle ia, eram os campos do Pencudo e voltava o tio João d'uma vez, já sobre a manhã, quando sentiu no caminho grande restolhada. Parou, engatilhou e viu á pouca luz do dia, o Pencudo sahir dos seus campos





a correr, saltar a parede, atravessar o caminho, como uma abantesma, e sumir-se n'um giestal. Ia com tanta gana, que parecia alma penada, d'essas que no mundo andam para cumprir promessas, feitas em vida.

O Cangosta, ainda que valente e resoluto, nem tempo teve para lhe dar um berro. Ficou apavorado com o caso e qualquer de nós também o ficaria. Porque ia a fugir assim aquelle home, que sahia dos seus campos? Porque se escondia no giestal basto? Mais parecia ladrão ou mattador de gente, do que creatura que viesse d'abrir a agua ao seu milho! Porque se escondia na giesteira a esta hora da manhã, em que ainda mal se via?... Fossem lá sabel-o!...

Para o Cangosta, que ficára a modo de parvo, o caso tornou-se claro, quando soube do encontro do Zé Pequeno, dentro da poça do Pencudo, morto com uma sacholada, que lhe tinham dado acima da nuca, aqui, salvo seja. Foi o proprio Pencudo, que lh'o foi dizer, á frente de muito povo, levando preso o Thomé moleiro, que disiam ser o causador d'aquella morte. Não podia ser outro, juravam e trejuravam e a razão do crime era a quesilia entre os dois, por causa da Rosa Chapa, que estava tratada a casar com o Zé, não querendo nada com o Thomé, que tanto lhe queria, que até lhe prometteu fazel-a dona do moinho e dos campos que tinha ao pé, se o quizesse a elle. E' certo que o moleiro, ao depois do despreso da Chapa, nunca mais comeu, nem bebeu com stifação. Na missa apartava-se de todos, e andava com tão feia cara de condemnado a penas eternas, que até mettia medo. O Pencudo declarou que lhe ouvira dizer que se havia de vingar do Zé, por lhe roubar a moça. Á vingança estava-se a vêr, que era a morte que lhe déra.

O bô do José Cangosta, home d'honra e de verdade, ficou pasmado com tanta falsidade; mas elle não podia dizer que não. Elle era o juiz e não podia ser testemunha. Olhando assim muito fito para o Pencudo, com o seu sério de que tremiam todos os da freguezia, disse-lhe: «Vê lá o que dises! Juras que n'essa noite o Thomé foi ao teu campo?» O raio do mentiroso respondeu, sem temor nenhum de Deus: «Por esta que me allumia, senhor juiz! Ainda me falte a luz dos olhos se o não vi a fugir!»

O povo, como uma bocca só, disia o mesmo. O moleiro fôra visto para aquelles lados com um folle de farinha e quando tornou ao moinho trazia uma sachola ao hombro, certamente a mesma com que tinha vendimado o Zé Pequeno. O Thomé não negava que fôra levar a fornada a sua irmã e que troufêra uma enxada que ella lhe emprestara, para cavar terra para um alcouve.

O José da Cangosta, muito triste, não disia nada. O povo aticado pelo Pencudo, julgando que o juiz queria proteger o mattador do Zé, principiou a berregar de cada vez mais, e mostrava gestos de arrebeitar o moleiro, ali mesmo. O desgraçado deante d'aquella ira da gente toda, estava enfiado como um defunto, e o Cangosta, home de muito tento na bóla,

pegou n'elle por um braço e levou-o, pela sua mão, á cadeia. Fechou a porta e guardou a chave para ninguem lá ir senão elle. «Mando-te eu cá o caldo», disse-lhe ao empurrar-o para dentro.

O Thomé não fazia senão chorar por se vêr accusado de tamanho crime. Comer, nem uma bucha de pão; só se lembrava de morrer de maguas. Perder o amor da Rosa, a quem queria mais do que á menina dos proprios olhos, e ainda por cima disserem que era o mattador do que ia casar com ella, clamava ao ceu justiça! O Cangosta, certo da inocencia do rapaz, queria

poupar tamanha desgraça. Quando voltou para juncto do povo, com muito geito quiz desculpar o moleiro; mas qual carapuça! Todos á uma disiam que era um ladrão, que roubava nas fornadas, que as maquinas que tirava eram maiores do que deviam ser. Não tinham visto fazer a morte; mas era o mesmo que vissem. Ir logo n'aquella manhã, ainda de noite, levar o folle da farinha á irmã, e trazer uma sachola emprestada... era muita coisa junta. E não havia na freguezia outro cara do inferno capaz de mattar o Zé Pequeno, senão o ladrão do moleiro. Um clamor, um berreiro de mil pipas, contra o desgraçado! O tio João ainda lhes lembrou: «Não façam juizes temerarios! Olhem que Deus não dorme e conhece o culpado verdadeiro! No dia de juizo...»

O Pencudo, sentindo as costas quentes com o povo por si, ajuntou ás palavras do Cangosta: «Todos havemos de ser julgados n'esse dia e a verdade toda ha-de saber-se. Eu digo aqui, senhor juiz, como o hei de dizer nas bemditas barbas de Nosso Senhor, que o moleiro mattou o Zé.»

—Que lhes parece o tal pandego, capaz de jurar falso na presença do Senhor no dia de juizo!—observou o narrador, interrompendo-se. Merecia que lhes deitassem ao pescoço uma corda bem ensebada.

O José da Cangosta é que não podia condemnar um inocente. Antes do dia da audiencia foi procurar, ainda com noi-

te, o abbade, que ao vê-lo tão cedo lá pela residencia, lhe disse: «Home essa! Sem ser desobriga, nem vespera da padroeira, você por aqui, é caso.» E sabendo que elle se queria confessar, indicou a rir: «Ajoelhe-se lá, senhor João. Deve ser peccado de costa arriba!» E alli mesmo na salla onde resava, comia e dormia, sentado n'uma cadeira encostada á caixa do milho, é que o ouviu de confissão.

Home que estivesse perto, diria não ser um exame de concencia; mas uma ralhão entre os dois. O padre ergueu-se sem deitar nenhuma absolvição e disse: «Metta em ferros d'elrei esse malvado do Pencudo e prompto...» Respondeu-lhe o Cangosta: «Eu não posso ser testemunha; porque sou juiz, senhor abbade.» E este tornou-lhe: «E eu não posso abrir bico; porque sou confessor.»

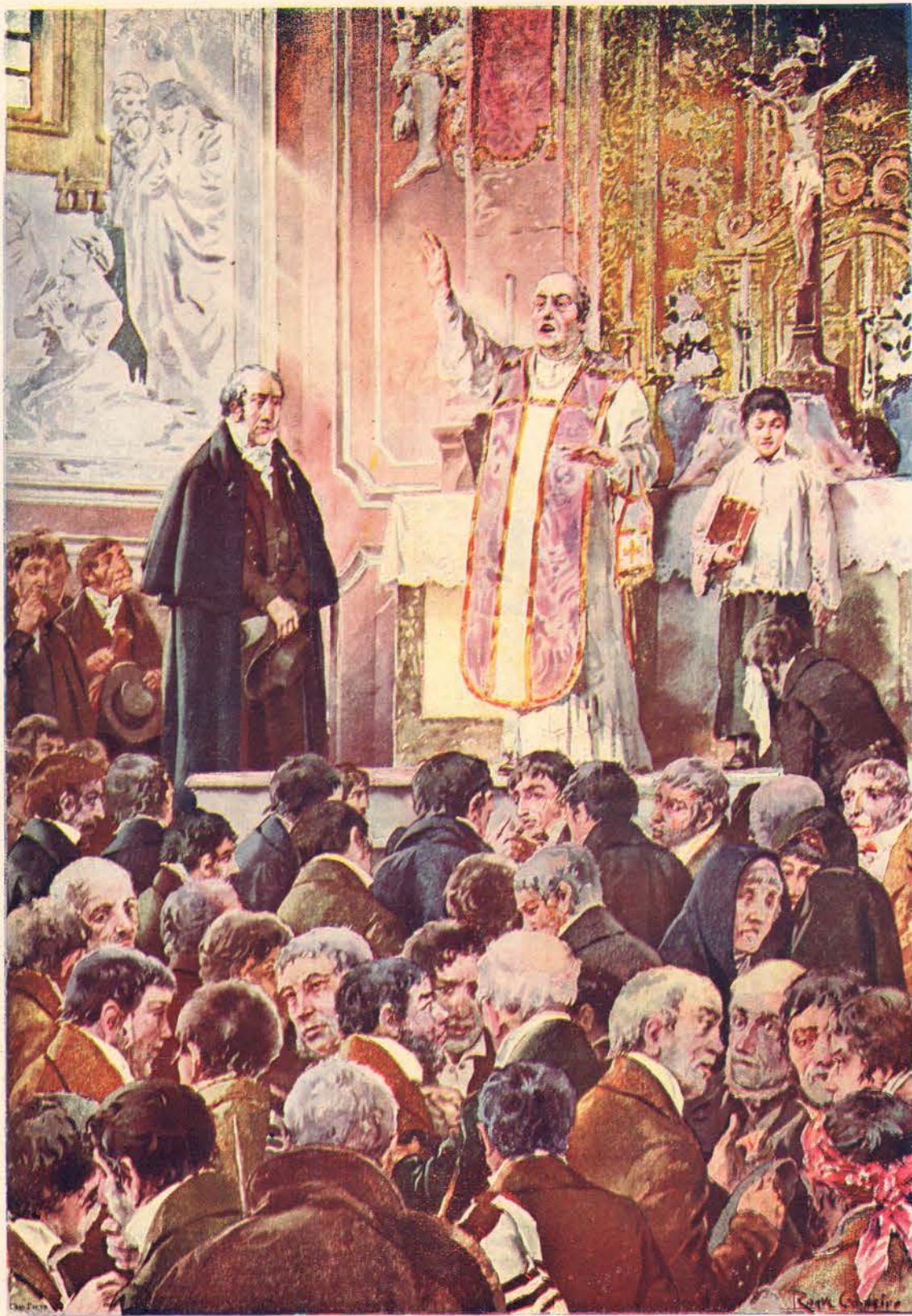
O que se passou no dia da audiencia, foi o mesmo que nos outros dias. O povo e o Pencudo de cada vez mais contra o moleiro. O juiz estava triste, como Nosso Senhor Jesus Christo, quando Pedro o negou tres vezes. Prometteu a sentença,





para o domingo, á missa, como era costume n'outros crimes. O abbade é que a escreveria; porque o Cangosta só sabia ler. Eram outros tempos, com menos sabença, mas melhores que os d'agora. Não faltou uma só pessoa da freguesia. Doentes de

fôra um condenado á forca, que d'ali a pouco houvesse de aparecer na presença do Eterno! Na igreja, apinhada de povo, nem o zunido d'uma mosca. O moleiro, á esquerda do altar, do outro lado do juiz, chorava e estava amarello como um desenterrado.



cama levantaram-se; velhos entrevados vieram em charola, ás costas dos filhos. João da Cangosta, com a melhor roupa de briche, a camisa rica do casamento, o seu capote de cabeção, ouviu a missa juncto do altar. Todos estavam com os olhos n'elle, que não olhava para ninguém. Resava com uma devoção, como se

Mas este juiz de Soajo sempre lhe era um grande Salamam, pois não era senhor?

— Era, meu amigo, era.

Cortinhas, 6 de maio de 1912.

Acabada a missa, deitada a bênção, que n'este dia o povo recebeu com mais pressa e menos devoção, o juiz, com uma voz que lhe tremia na garganta, como a d'uma vacca a chamar pelo bezerro, abriu um papel e leu: «Em nome de Deus que a todos nos creou e nos ha de julgar, em nome do Espirito Santo que a todos nos illumina, em nome da verdade, que devemos adorar como o proprio Deus, depois de ouvidas testemunhas e a minha consciencia, que um dia aparecerá perante o Altissimo para dar contas, declaro que o Thomé Azinho, accusado de ter morto o Zé Pequeno da Picota, é por esse crime condemnado a degredo por toda a vida, com cem annos de liberdade, para se preparar a cumprir a pena.»

(O narrador mostrou-me um papel defumado, onde em letra garrafal estava transcripto o que, soletrando lera).

O povo, ao principio pasmado, é que se não queria conformar com a sentença do seu juiz e levantou a modo de barulho que o abbade acabou, estendendo a mão para fallar aos seus fregueses, o que fez dizendo alto, ainda apparentado, tal como dissera a missa:

«Gentes ouvi! Este, apontou o moleiro, não foi o mattador. O nosso juiz sabe quem foi e esse está no meio de vós.»

O Thomé Azinho acabou de chorar, ficando pasmado de todo! O Pencudo sahio de rebolão pela igreja abaixo, atravessando campos e caminhos até ao rio, onde foi cahir abraçado ao diabo, que o levára pelo ar! O mafarrico decerto o apanhou ao sahir da porta. O demo, como sabe, não entra na igreja; porque não pode ver cruzes, nem pisar chão sagrado. T'arrenego, maldito, que levastes o Pencudo, e fica-te por lá com elle por seculos seculorum.

